

XVIII

CIC

XI ENPOS  
I MOSTRA CIENTÍFICA



Evoluir sem extinguir:  
por uma ciência do devir



## DIFICULDADES ENCONTRADAS NO COTIDIANO DE UMA MULHER COM CÂNCER DE COLÓN E RETO EM TRATAMENTO RADIOTERÁPICO

**LEAL, Daiane Lopes<sup>1</sup>, HOLZ, Adriana Winter<sup>2</sup>, LINCK, Caroline de Leon<sup>3</sup>, FEIJÓ,  
Aline Machado<sup>4</sup>, LANGE, Celmira<sup>5</sup>, SCHWARTZ, Eda<sup>6</sup>, ZILLMER, Juliana  
Vestena<sup>7</sup>**

<sup>1</sup>Acadêmica do 6º semestre da Feo-UFPe, bolsista de Graduação em monitoria da disciplina: Cuidado Básico de Enfermagem e Membro do NUCCRIN. Email: [daianelleal@yahoo.com.br](mailto:daianelleal@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Acadêmica do 6º semestre da Feo-UFPe, bolsista PROBEC. Membro do NUCCRIN. Email: [adriana\\_holz@yahoo.com.br](mailto:adriana_holz@yahoo.com.br)

<sup>3</sup>Enfermeira. Mestranda da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UFPe. Bolsista de Demanda Social CAPES. Membro do NUCCRIN. Email: [carollinck15@yahoo.com.br](mailto:carollinck15@yahoo.com.br)

<sup>4</sup>Enfermeira, Mestranda da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UFPe.; Bolsista de Demanda Social CAPES. Membro do NUCCRIN. Email: [aline\\_feijo@yahoo.com.br](mailto:aline_feijo@yahoo.com.br)

<sup>5</sup>Enfermeira, Doutora e Docente da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UFPe; Coordenadora do NUCCRIN. Email: [celmira\\_lange@ufpel.edu.br](mailto:celmira_lange@ufpel.edu.br)

<sup>6</sup>Enfermeira, Doutora em Enfermagem e Docente da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas. Coordenadora do NUCCRIN. Email: [eschwartz@terra.com](mailto:eschwartz@terra.com)

<sup>7</sup>Enfermeira. Mestranda da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UFPe. Membro do NUCCRIN. Email: [juzillmer@gmail.com](mailto:juzillmer@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O câncer colo-retal abrange os tumores que atingem o cólon (intestino grosso) e o reto. Tanto homens como mulheres são igualmente afetados, sendo uma doença tratável e freqüentemente curável quando localizada no intestino. O Instituto Nacional de Câncer – INCA publicou como estimativa de câncer de cólon e reto para o ano de 2008 no Brasil 26.990 casos novos, sendo que desses 5.950 foram na região sul do país (BRASIL, 2007).

O diagnóstico de câncer de cólon e reto é observado pela mulher e sua família sempre como um momento de angústia, sofrimento e ansiedade. Isso acontece porque existem muitos aspectos negativos a respeito do câncer, sendo visualizado como a morte que se aproxima, carregado assim de dor e sofrimento. Por isso, a atenção e o suporte oferecido pela família fazem com que a mulher enfrente as dificuldades do caminho com otimismo e garra, ressaltando que os familiares desenvolvem papel importante na vida do doente em todos os aspectos, sejam estes sociais, emocionais ou afetivos (SALCI; MARCON, 2008).

As mulheres passam a se preocupar mais ao perceber mudanças corporais, sendo isto um dos fatores mais impactantes do câncer. O corpo é o local do experimento e da prática da vida e, portanto, a reflexão sobre este é posterior à sua experiência. Por isso, o modo como as pessoas vivenciam uma doença é, primeiro, uma síntese entre corpo e cultura, para, depois, ser uma reflexão sobre a doença (ALVES, RABELO, 1998).

Esse tipo de mudança pode começar a aparecer também com os tratamentos, que em geral são agressivos e traumatizantes para a mulher, como a radioterapia, a qual é um dos principais tratamentos para esta enfermidade, sendo um método que objetiva destruir células tumorais, empregando feixes de radiações ionizantes.

Este trabalho apresentará os dados qualitativos da pesquisa “Intervenções de Enfermagem com clientes oncológicos e seus familiares em um Ambulatório de Radioterapia”, tendo como objetivo identificar as dificuldades encontradas por uma mulher com câncer de colón e reto em tratamento radioterápico.

## **2. METODOLOGIA**

Para alcançar o objetivo proposto utilizou-se como metodologia o “Estudo de caso” que é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso em particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora (CHIZZOTTI, 1991).

Este estudo foi realizado a partir do recorte da pesquisa citada anteriormente desenvolvida no Ambulatório de Radioterapia de uma Universidade Federal de um estado do Sul do Brasil, no período de março de 2006 a dezembro de 2007. Participaram 18 clientes e seus familiares, destes sete do sexo masculino e 11 do sexo feminino, sendo analisada neste estudo a entrevista feita a uma mulher com câncer de colón e reto. Escolheu-se este tipo de neoplasia por sua relevância, pois é pouco discutida e o número de casos é elevado no Brasil.

O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada com o cliente em tratamento radioterápico e seu familiar. Para a garantia do anonimato, os clientes foram identificados pelo número das entrevistas, conforme a ordem que eram realizadas, seguido da idade.

O projeto foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, segundo a resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 196/6 com a aprovação de nº 02 8/06. Para a garantia do anonimato, os sujeitos foram identificados pelo número das entrevistas, conforme a ordem que foi realizada, seguido da idade. As falas foram agrupadas por questões-guias, com idéias semelhantes, e após sua interpretação, foram retiradas idéias principais para o entendimento do discurso dos sujeitos.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Além da doença e suas implicações, a cliente e sua família passam a vivenciar muitos conflitos, alguns relacionados com a subjetividade de cada um, ressaltando sentimentos e emoções, outros envolvendo fatores sociais e econômicos, o que torna as necessidades maiores e o enfrentamento da doença

ainda mais difícil. Portanto, nesta temática serão abordadas as dificuldades encontradas no percurso do tratamento da doença.

Uma das dificuldades vivenciadas está relacionada a distância do local para a realização do tratamento e transporte, o que pode ser evidenciado pela fala a seguir: *“Dificuldade que encontrei [...] para fazer o tratamento, uma dificuldade muito grande, porque agente mora longe, fora, foi terrível. [...] Andamos muitos dias saindo de madrugada de casa, de bicicleta, para conseguir o ônibus, para chegar até a prefeitura, porque eles não vão buscar em casa, a gente tem que ir até lá, é terrível [...] até que a gente encontrou um lugar aqui para conseguir ficar, para fazer o tratamento e aí estamos lutando, estamos nessa luta [...]”* (006, 66 anos).

Batalhar contra o câncer exige muita força por parte dos que convivem com essa doença. Se o tratamento for feito através da rede pública e esse a cliente morar no interior, às dificuldades enfrentadas são ainda mais difíceis, devido ao limitado acesso ao transporte para os hospitais de cidades que oferecem tratamentos contra a doença. Os problemas sociais e econômicos agravam o contexto das famílias e nota-se isso porque muitas dificuldades encontradas relacionadas aos serviços de saúde são por causa do transporte para o atendimento (CALIL; PRADO, 2008).

O transporte de clientes que fazem quimioterapia ou radioterapia é muito debatido pelas autoridades. Em geral, esses clientes ficam muito debilitados com o tratamento e necessitam de uma atenção especial. Quando conseguem esse transporte, viajam em carros ou ambulâncias comuns, utilizadas por todo tipo de clientes (MINAS GERAIS, 2009).

Outra dificuldade referida pela entrevistada é não conseguir desempenhar suas atividades cotidianas, como expresso a seguir: *“Não consigo trabalhar na lavoura [...] e a gente se sente chateada, porque a lida em casa é tudo que eu faço [...] e depois com a doença já fica tudo mais difícil [...] eu tinha vontade de trabalhar, de fazer o que eu fazia antes [...]”* (006, 66 anos). Os limites impostos pela doença ou pelo tratamento são traduzidos pelas alterações físicas que acarretam mudanças no cotidiano das mulheres. Desistir de algumas atividades diárias ou simplesmente ter consciência de não ser capaz de realizá-las é um processo vivenciado com dificuldade por muitas mulheres com câncer, levando algumas destas a se sentirem como um objeto inútil (LINARD; SILVA; SILVA, 2002).

A partir daí a mulher poderá repensar a adesão ao tratamento, em virtude dos problemas presentes em torno dessa terapêutica, mas apesar das dificuldades inerentes a esta caminhada, a luta das mulheres continua em todos os campos da vida.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir desse estudo observou-se um impacto muito grande na vida dessa mulher, principalmente por fatores emocionais e sociais, ficando evidente em sua dificuldade em realizar as tarefas diárias, o que a fez sentir que seu desempenho já não era mais o mesmo. Outro fator foi a falta de transporte, pois mora no interior e tinha muitas dificuldades para chegar ao local do tratamento, sendo isso muito desgastante para ela.

O deslocamento até o transporte faz com que ocorra um desequilíbrio emocional e um desgaste físico amplo, pois o sujeito em tratamento radioterápico, freqüentemente fica fraco e debilitado. Com isso se faz necessário um apoio maior por parte das prefeituras, para disponibilizar meios de transporte e ambulâncias que

levem esses clientes em suas residências, contribuindo para um tratamento humanizado.

Portanto, todos os problemas citados, muitas vezes, fazem com que haja insegurança por parte dessas mulheres quanto à adesão ao tratamento, desencorajando-as a realizar a terapêutica. É neste momento que o apoio familiar torna-se extremamente importante, pois será a fonte de estímulo para que essa mulher siga em frente.

## 5. REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. INCA, Instituto Nacional do Câncer: estimativa 2008. Disponível em:

[http://www.inca.gov.br/estimativa/2008/index.asp?link=tbregioes\\_consolidado.asp&ID=1](http://www.inca.gov.br/estimativa/2008/index.asp?link=tbregioes_consolidado.asp&ID=1). Acesso: 08 ago 2009.

BRASIL, Ministério da Saúde. INCA, Instituto Nacional do Câncer: Radioterapia. Disponível em: [http://www.inca.gov.br/conteudo\\_view.asp?id=100](http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=100). Acesso: 08 ago 2009. Brasil. Ministério da saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196/96. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, Brasília, 16 out. 1996.

MOHIUDDIN, M.; AHMAD, N.; MARKS, G. A selective approach to adjunctive therapy for cancer of the rectum. **Int J Radiat Oncol Biol Phys**. V.27. 1993.

FERREIRA, M.L.M.; OLIVEIRA, C. Conhecimento e significado para funcionárias de indústrias têxteis sobre prevenção do câncer do colo-uterino e detecção precoce do câncer da mama. Revista Brasileira de Cancerologia, Rio de Janeiro, v.52, n.1, p.5-15, 2006. Disponível em: [http://www.inca.gov.br/rbc/n\\_52/v01/pdf/artigo1.pdf](http://www.inca.gov.br/rbc/n_52/v01/pdf/artigo1.pdf) Acesso em: 08 ago de 2009.

MINAS GERAIS, Câmara Municipal de Ouro Preto. Disponível em: [http://www.cmop.mg.gov.br/projeto/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1036&Itemid=2](http://www.cmop.mg.gov.br/projeto/index.php?option=com_content&task=view&id=1036&Itemid=2) Acesso em: 11 ago 2009

CALIL, A.M.; PRADO, C. O ensino de oncologia na formação do enfermeiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n3/22.pdf> . Acesso em: 11 ago 2009.

LINARD, A.G.; SILVA, F.A.D.; SILVA, R.M. Mulheres submetidas a tratamento para câncer de colo uterino: percepção de como enfrentam a realidade. Revista Bras de Cancerologia . Disponível em: [http://www.inca.gov.br/rbc/n\\_48/v04/pdf/artigo1.pdf](http://www.inca.gov.br/rbc/n_48/v04/pdf/artigo1.pdf) . Acesso em: 13 ago 2009.

SALCI, M.A.; MARCON, S.S. De cuidadora a cuidada: quando a mulher vivencia o câncer. Texto & Contexto – Enfermagem, Florianópolis, v.17, n.3, p.544-551, 2008.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n3/a16v17n3.pdf> Acesso em: 20 nov. 2008.

ALVES, P.C.; RABELO, M.C. Repensando os estudos sobre representações e práticas em saúde/doença. In: ALVES, P.C.; RABELO, M.C., organizadores. **Antropologia da saúde**: traçando identidade e explorando fronteiras. Rio de Janeiro (RJ): Fiocruz; 1998. p.107-21.